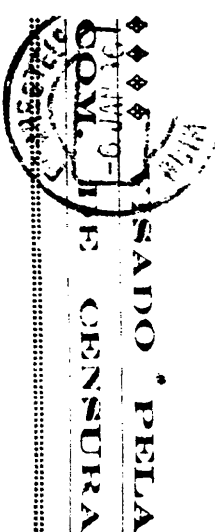


NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO



Editorial

BALANÇO DE FIM DE ANO

Feitas as contas e pôsto em confronto o *crédito* com o *débito*, hemos de confessar que durante o ano que findou a imprensa cittadina trabalhou para o bispo, sem nenhuns resultados práticos, marcando uma temporada de trabalho improficuo, baldado e improgressivo.

A' mania de querer vender ao debarato para melhor poder competir com o mercado, somos forçados a confessar que os *saldos* desapareceram na voragem, sem lucro municipal, em jeito de dádiva concedida por marçano a criada grácil e donairoza.

Cifras sobre cifras, o cômputo apresenta um *deficit*, levadas com as "fazendas" as últimas esperanças e morto para sempre o tino comercia-lista.

Com a impertérrita ordem que mandou fechar os antigos Paços dos Duques de Bragança e ex-Quartel do Regimento de Infantaria n.º 20 — graças à política surda de um indivíduo que não soube esconder o ódio e o rancor e a quem todos os vimaraneses deveriam deixar de lhe estender a mão —, uma funde machadada feriu o coração da Cidade e Concelho, prejudicando-os em tudo aquilo que se lhes deparava como Progresso futuro, moral e economicamente.

Machadada jogada com tão malévolta intenção e criminosa voluntariedade, mais perfurante que contundente, um dia virá em que o tribunal da opinião pública saberá bem julgar o réu-confesso que não se esconde de afirmar que "não lhe interessa o povo nem a cidade", mas a quem vai sugando os réditos para dis-farce daquela ufania e nefelibatice que não tem, para orgulho de um saber que não possui e, finalmente, para esconder a vida vegetativa que vai levando.

A arqueologia-suzerana que, como tortulho, se agarrou ao tronco da árvore da nossa Tradição, merece que seja apontada como um dos cancos que mais vem prejudicando a Terra e a grei. Enlevada nas "chinezices" e "bonitos", tão felicissimamente classificados pelo Dr. Pedro Vitorino, desprezando os problemas palpantes e urgentes, enverga calção e usa perruca, para, em ária de personagem de *folhetim*, tomar o aspecto de fanteche, assinalando-se como verdadeira prebendada da "ciência acessível a todos os graus de inteligência", à maravilha sabendo maquinar a aldrabice e a trapaça.

Depois disto, consideram-se *saldadas* as contas, para não pedir o dilúvio.

António de Sêna

Um combatente, mais, vem em auxílio do monumento aos mortos da Grande Guerra da vetusta Guimarães. Seja benvidoo! António de Sêna é o pseudónimo que cobre o nome dum oficial distinto, Cruz de Guerra a d-brilhar num peito valente e numa

alma cheia de candura e de devotada veneração pelos mortos, nossos irmãos. Não é vimaraneses; mal conhece a nossa terra; isso, porém, não obsta a que a sua elegância moral acudisse ao nosso apêlo, logo que lhe foi solicitado, enfileirando, com gallardia, na ala dos apóstolos do monumento, onde já figura o nome de seu irmão, combatente como êle, espelho da lealdade e inteireza em bem servir a Pátria. São, assim, as almas dos verdadeiros combatentes: acodem, sempre, onde são chamadas.

O N. de G. apresenta ao seu illustre hóspede os seus melhores agradecimentos pela sua honrosa colaboração e orgulha-se de o ver ao lado de escritores militares de renome que, a êste jornal, têm prestado valioso auxílio em prol do monumento.

Pro-Monumento aos Mortos de Guimarães na Grande Guerra

VIMARANENSES: CUMPRI O VOSSO DEVER!

Seguindo o exemplo de muitas terras do país que já deram cumprimento a êsse necessário dever de gratidão, pretende, muito naturalmente, a cidade de Guimarães pagar também a sua parcela de reconhecimento à memória dos seus filhos mortos pela Pátria nos campos de batalha da Grande Guerra, erguendo numa das artérias do seu velho burgo um monumento que recorde aos vindouros toda a sua glória e o seu sacrifício, tão épica-mente demonstrados nos campos de batalha da Flandres e Africa, quota parte que lhe compete liquidar na incomensurável dívida que a Nação contrafa para aqueles que pelo seu nome verteram generosamente o seu sangue, batendo-se com brio e valor pelo seu prestígio e integridade.

Que falta, porém, para que possa cumprir-se essa tão desejada como justíssima obra de devoção e patriotica?

Pelo que nos é dado saber sobre o assunto, quer-nos parecer que lhe falta aquilo que é mais essencial, ou seja que todos os vimaraneses, mas todos sem excepção, se compenctrem da obrigação que lhes cabe de dar à ideia em curso o apoio moral e material que lhe é absolutamente necessário, colaborando assim dignamente no esforço e na perseverança evidenciados por um núcleo de boas vontades que trabalha empenhadamente para que sejam ouvidos, como é mister, os seus freqüentes apêlos dirigidos à sensibilidade e ao carinho de todos os filhos da terra para os quais esta dívida deve representar uma obrigação sagrada, a cumprir sem delongas prejudiciais.

E estamos certos que todos os vimaraneses, todos aqueles em cujo peito palpita um coração de verdadeiro português e que nutrem o mais enraizado afecto pelo seu torrão natal, desejando-o prestigiado e engrandecido, não podem, acreditamo-lo, ficar indiferentes aos justíssimos apêlos dirigidos aos seus sentimentos de bairrismo e a sua fé patriótica.

Bem ponderadas as causas determinantes do imperdoável esquecimento a que tem sido votada a efectivação da merecida homenagem a prestar aos Saúdosos Heróis e Mártires vimaraneses, tombados abnegadamente na mais cruenta guerra que os anais da História registam, não se compreendem nem mesmo se justificam, a inércia e o comodismo que tem medrado em redor dêste civico intuito, que bem deve merecer de todos os naturais de Guimarães as suas simpatias e aplausos, quaisquer que sejam as ideologias professadas.

A vetusta e illustre cidade de Guimarães, a laboriosa e progressiva cidade minhota que foi berço de Afonso Henriques, o egrégio fundador da nacionalidade, que é detentora das mais brilhantes tradições históricas, tem o dever moral de não deixar cair na vala do ostracismo a nobre e digna cruzada que há três anos vem sendo lembrada com calor e sinceridade nas colunas dos seus periódicos, e está nisto empenhados o seu brio e a sua honra de terra onde até agora, felizmente, o patriotismo e a gratidão não escassearam.

Temos também conhecimento que a municipalidade vimaranesa, numa louvável e digna compreensão do seu papel de dar auxílio e incitamento às boas iniciativas, já se manifestou patrioticamente fazendo inscrever nos seus orçamentos a importante verba de trinta mil escudos para subsidiar a construção do Monumento o que já é, de facto, quasi que meio caminho percorrido.

Uma vez inscrito êste importante auxilio que há mais a fazer?

Penso eu que se as pessoas de mérito e prestígio de Guimarães, todas as suas dignas autoridades civis e militares, as suas colectividades locais, a sua imprensa, todos em geral, vierem a interessar-se com afinco pela breve realização d-essa obra de gratidão cittadina, decerto que bem depressa se chegará a um resultado consolador honrando-se assim a terra acima de tudo.

Não é de acreditar que os vimaraneses, gente soberamente conhecida e apreciada pela sua lealdade e cavallheirismo, e que sempre, com gallardia e desinteresse, tem sabido corresponder a todos os justos apêlos em favor da sua terra, neguem o seu auxilio moral e material a uma iniciativa tão nobre e justa como é a de ser dignamente consagrada a venerada memória dos seus patricios mortos com honra ao serviço da Pátria nos campos de batalha da Grande Guerra.

Não é possível isso. Seria também injusto supôr que Guimarães, tanto neste captulo, como noutros mais, por um lapso que bem pode evitar-se, seja diminuída nos seus brios deixando-se ficar aquém de outras terras do país de mais reduzida importância e que, como dissemos já, trataram de cumprir a sua homenagem de respeito aos seus valiosos filhos caídos gloriçosamente na guerra.

Se há um dever a cumprir-se porque é que se não cumpre?

Vamos, povo vimaraneses.

Auxiliai, dando-lhe o apoio indispensável, a iniciativa de se erguer um Monumento na vossa cidade lembrando a memória dos seus soldados mortos na Grande Guerra.

Contribuireis não só para o brio e renome da vossa Terra como cumpriréis também o dever de serdes gratos à memória dos vossos patricios que bem a souberam honrar, cumprindo abnegadamente o seu dever de cidadãos e de soldados.

Coimbra, 20-12-935.

ANTÓNIO DE SÊNA.

O Dia de Reis

"A Epifânia—o dia de Reis, na linguagem popular—é uma das festas do ciclo litúrgico mais queridas do nosso povo.

E vale a pena atentar no aspecto etnográfico do dia, que demonstra como o cristianismo enformou a vida popular e a perfumou de poéticas costumeiras.

Em algumas das grandes festas é uso, em quasi todas as províncias de Portugal, a gente moça organizar peditórios, menos pelo vício de esmolar, que pelas folganças a que o caso serve de pretexto. São os "fiéis de Deus" ou o "pão por Deus" no dia de Todos-os-Santos; as "janeiras" no dia de Ano Bom; e os "Reis" no dia 6 de Janeiro.

Este dia de Reis é o de pedincha mais persistente. Os bandos precatórios vão de casa em casa e param ante a entrada principal. Começa a solicitação por uma cantiga, ou loa, ou romance, cantado em côro, por via de regra sufficientemente dissonante. Este pormenor importa pouco, porém, porque não é precisamente o efeito orfeónico que se procura..."

Dr. Leonardo Coimbra

A morte, intempestiva e traiçoira, tombou para sempre o antigo director da Faculdade de Letras e professor do Liceu Rodrigues de Freitas, do Pôrto, Dr. Leonardo Coimbra, Antigo Ministro da Instrução, político e filósofo, defensor

CANTAREMOS?...

Os três reis do Oriente Foram a Jerusalém; Uma estrela ia à frente Guiando-os para Belém.

E Herodes, muito irado, Disse que q'ria saber Onde seria encontrado O Rei que estava a nascer.

Mas os Magos, por embirra, Voltaram por outra via, Depois de ouro, incenso e mirra Dar ao Filho de Maria.

Vinham no trilho de Atãis, Da viagem já cansados, E ao chegar a Guimarães Ficaram horrorizados.

E das trevas receosos, Imersos na escuridão, Foram logo pressurosos Cantar os reis ao Jordão:

«Quem diremos nós que viva Na folhinha do serpão, Viva o nosso Município E mai-lo Senhor Jordão.

Viva a antiga candeia, Pois não q'remos a eléctrica, Esta luz não *alumeia*, Está mesmo muito tetrica.

Também viva o *engenheiro* Do Castelo dos Almadas, Que com bastante dinheiro Fêz pocilga para... fadas.

Viva o nosso Regimento do Vinte de Infantaria, Que foi num dia de vento E de vir não chega o dia.

Viva também o Liceu Que nos custou a criar, E que até suponha eu Acabam por nos tirar.

E também damos um viva A's Juntas de Freguesia, Que de forma nobre e altiva Falaram como se queria.

E que viva o Aguiar, Visto que o nosso teatro E' tão certo edificar, Como dois e dois ser quatro.

Viva também a Avenida Dos Combatentes da Guerra, Que depois de construída E' orgulho desta terra.

Que vivam os monumentos A erigir nesta terra, Ao só nosso Gil Vicente Eaos heróis da Grande Guerra.

E que viva o Terreiro Chamado de S. Francisco, Que com tão pouco dinheiro Ficava livre de cisco.

E que vivam sem viver, Vivinhas a rabiari, P'ra o Vinagreiro vender E o nosso Afonso cheirar.

Que viva o bairro operário Que já nos foi prometido, E se constrói quando o erário Estiver também... falido.

E mais viva a *Companhia* Se nos der outra Estação, — On que siga ontra via Que nos fica o caminhão.

E também fica a peçonha Da carroça do Correio, Que ajuda a pouca vergonhá Desta terra sem asseio.

Viva também o Quartel — De Guimarães o espelho — Ideal muito fiel Do povo dêste concelho.

Na terra de Guimarães Também cantamos que viva Os gatinhos, mai-los cães E todos por 'i arriba.

Quem diremos nós que viva Na folhinha da giesta, Viva toda a mais família E acabou-se a nossa festa...

E os Magos, cavalgando, Seguiram cheios de rópia, Pelas 'stradas, murmurando A caminho da Etiópia:

— «Esta terra cheira a unto, Aqui manda algum defunto.

— Esta terra é de bren, Aqui reina algum judeu...

E quando viam as patas Das bêstas que cavalgavam, Se lembravam dos empatas Que Guimarães empatavam...

A estas horas, por certo, A Néguas contando estão Os horror's dêste deserto, Desta civilização.

CLAROS.

GAZETILHA

Esta terra minha amada, — Bêrço meu e não da grei, E que se vê desprezada Por razões que inda não sei: E' Mai por mim adorada, E' Mai do primeiro rei!

E, por isso, por amor A' terra onde nasci, Eu tenho imensa dor Quando vejo por aí Factos que causam horror, Como os que narro aqui:

«Ali, na rua das Hortas, Em pocilgas indecentes, Sem ar, sem luz e sem portas, Com as últimas enchentes Ficavam por pouco mortas Criaturas que são gentes.»

E o Bairro jámais vem?! Com pocilgas de suínos — Com êsses, cuidados têm... Mas com homens e meninos, Com pobres sem ter vintém, Que se importam estes... *fínos*?

Ah, manganões! Ao vêr disto, Só me passa pela mente Que o azorrague de Cristo Caía bem nesta gente; Pois está mais do que visto Que é duma grei indecente.

CLAROS.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.



... Quem diremos nós que viva ...

CASA PIMENTA

Rua 31 de Janeiro

tudos feitos, desde 60\$00. Não façam as suas compras sem primeiro visitarem esta casa.

Acabam de chegar as maiores variedades em sobretudos e casimiras para a época de inverno. E' esta a casa que maior sortido tem.

Grandes saldos em casimiras. Sobre-

tos e o desejo de um ano muito venturoso.

"O Comércio de Guimarães" — O nosso prezado colega local «O Comércio de Guimarães», que se vinha publicando às terças e sextas-feiras, passou a publicar-se uma só vez, por semana—às sextas-feiras—com quatro páginas.

"O Primeiro de Janeiro" — Passou em 1 do corrente o aniversário do importante diário português «O Primeiro de Janeiro», sem dúvida alguma um dos melhores jornais portugueses. Na pessoa do seu digno correspondente em Guimarães, sr. João de Deus Pereira, nosso querido camarada, felicitamos todos quantos trabalham naquele grande órgão da imprensa.

Dr. Alfredo Pinto — Este nosso querido amigo e ilustre clínico vizelense, foi há dias vítima de um grave desastre de automóvel, perto de Santo Tirso, que lhe podia ter causado a morte.

Os jornais relatam o desastre da seguinte forma:

O dr. Alfredo Pinto dirigia-se, no sábado findo, ao Porto, no automóvel «Austin» 9791-N, guiado pelo seu proprietário, sr. José Joaquim da Silva, e ao passar muito próximo a Santo Tirso, no Lugar de Santa Cristina, onde existe um cruzamento de estradas, surgiu a camionete de passageiros, pertencente ao sr. António Penha Ferreira, e que era conduzida pelo seu «chauffeur», Euclídio de Oliveira Cavadas, que vinha numa correria vertiginosa, em consequência de querer chegar ao seu destino na hora marcada, quando o seu atraso era já aproximadamente de 20 minutos. Isso deu motivo a ir contra o automóvel em que viajava o dr. Alfredo Pinto, pondo-o num mísero estado.

Logo que foi conhecida a triste notícia, para o local do desastre dirigiu-se muita gente, e toda ela diz que só por um milagre, é que tanto o dr. Alfredo Pinto como o «chauffeur», não ficaram mortos.

O automóvel, com o choque, foi arremessado à valeta, e ficou entalado contra o muro, ficando muito danificado, sem se poder aproveitar nada.

Após o desastre, foi comunicado o caso às autoridades de Santo Tirso, e no local compareceu logo o sr. dr. Adriano Fernandes de Azevedo, Administrador do Concelho, que tomou conta do sucedido, e lamentou tão grave desastre, chegando a dizer que o culpado de tudo isto foi só o «chauffeur» da camionete, Euclídio de Oliveira Cavadas.

Lamentamos o sucedido e apresentamos ao sr. dr. Alfredo Pinto os nossos cumprimentos por ter saído ileso do desastre.

Posto de Socorros — No posto de socorros de «A Social», fizeram-se, durante o mês de Dezembro, 763 curativos.

Pagamento de vencimentos — Para conhecimento dos interessados torna-se público que, todos os reformados do exército residentes na área deste concelho, devem receber os seus vencimentos no Posto da G. N. R. desta cidade, nos dias 2 de cada mês.

Da Administração do Concelho — E' avisado o soldado reformado José de Castro, a apresentar-se na administração do concelho o mais breve possível, a fim de receber o seu vencimento.

Cemitério Municipal — O movimento no cemitério municipal durante o mês findo foi: adultos do sexo masculino, 7; sexo feminino, 8; adolescentes do sexo masculino, 13; idem do sexo feminino, 20. Total, 48.

Número do Natal — Continuam vários colegas a referir-se ao nosso número do Natal em termos cativantes que muito nos penhoram. Nos seus últimos números os prezados colegas «Povo de Penafiel» e «O Desfôrço» noticiaram a publicação do aludido número e felicitaram-nos. Os nossos agradecimentos.

Brindes — Dos nossos prezados amigos srs. Madureira & Oliveira recebemos um lindo calendário para o corrente ano, da acreditada casa Eduardo Pereira Pinto & Filhos, do Porto, de que são representantes.

Irmão nos ofereceram um interessante calendário de bôlso da importante Companhia de Seguros «Portugal Previdente», de que são representantes.

Arrombamento e roubo — Audaciosos gatunos entraram, por arrombamento, na casa do sr. António José Gonçalves, no prolongamento da Rua de Paio Galvão, penetraram no estabelecimento daquele sr., comendo e bebendo quanto lhes apeteceu e furtaram muitos géneros, levando também a chave do prédio. A polícia procede a averiguações.

Aniversário — Passou ontem o aniversário natalício do nosso prezado amigo sr. Avelino da Silva Guimarães, importante capitalista e Patrão Honorário dos B. V. de Guimarães, a quem felicitamos.

Festa de Caridade — Num dos salões do Asilo de Santa Estefânia, desta cidade, realiza-se hoje um sarau de Caridade, levado a efeito pelas educandas daquele estabelecimento de caridade.

Licenças de porta aberta — Terminou em 31 de Dezembro o prazo para serem requeridas as licenças de porta aberta.

Associação Comercial e Industrial — A direcção da Associação Comercial e Industrial de Guimarães reuniu ultimamente para tratar de importantes assuntos que se prendem com o progresso de Guimarães. A mesma direcção pediu á Companhia dos C. de Ferro do Norte, para serem feitas algumas obras de que carece a estação desta cidade.

O problema das águas — Esteve em Guimarães o sr. Major Caravana, a tratar do importante problema do abastecimento de águas

Protecção aos pobres — Tendo sido creada, por Lei, a assistência aos necessitados durante a quadra invernal, foi recebida a comunicação de que no Concelho de Guimarães cabia a importância de 100\$00 diários, ficando a assistência a cargo da Casa dos Pobres.

Registo Civil — O movimento nesta repartição, durante o mês findo, foi o seguinte: Casamentos, 23; nascimentos, 244; óbitos, 163.

Pão dos Pobres — A Mesa da Irmandade de Santo António, erecta na Igreja de S. Domingos, distribuiu ultimamente 210 boroas de pão por igual número de pobres.

Afogado — No Rio Selho morreu afogado José de Oliveira, casado, sapateiro, de 56 anos de idade, natural da freguesia de S. Lourenço de Selho e residente no lugar da Bouça, da mesma freguesia.

Desastre — No lugar de Fermis, freguesia de Cónegos, António Lopes, casado, empregado fabril, da freguesia de Lordelo, seguia estrada fora montado numa bicicleta, fora da sua mão, e quando atravessava a estrada, para tomar o seu lugar, foi de encontro ao automóvel n.º 16.171 N, guiado pelo caixeiro-viajante João Pereira Malheiro, do Porto, resultando do embate a queda do ciclista, e que veio a falecer momentos depois no hospital da Misericórdia, desta cidade, onde dera entrada.

Cantando os «Reis» — Vários grupos populares andaram ontem a dar as boas festas, cantando os «Reis», em obediência á velha tradição.

Carreiras de caminhetas — O nosso prezado amigo sr. João Ferreira das Neves, proprietário das carreiras diárias de caminhetas entre Guimarães Porto-Póvoa de Varzim-Pevidem-Taipas, etc., mudou o seu escritório para a rua de Santo António, desta cidade, n.º 26-27-28.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Comandante António Garcia de Sousa Ventura

Retirou para Algés — Lisboa, onde vai fixar residência, o nosso ilustre contrarrâneo e amigo sr. Comandante António Garcia de Sousa Ventura.

— Vimos nesta cidade, de visita a

O FUTURO NÃO ASSUSTA NINGUÉM

Inscrevendo-se sócio do **Montepio «A REFORMA»**, com sede na Rua Alexandre Braga, 114 — PORTO,

ASSEGURA O SEU FUTURO E O DOS SEUS

Com uma insignificante cota, os associados ficam com direito:

Pensão de reforma até 450\$00, mensais — Pensão a herdeiros até 150\$00, mensais — Pensão de inabilidade até 360\$00, mensais — Subsídios únicos até 1.500\$00, e Subsídio para funeral de 1.000\$00 a 25 000\$00

Podem inscrever-se os indivíduos de ambos os sexos, desde 16 a 50 anos

Até 31 de Dezembro de 1934 foram pagos os seguintes encargos: Pensões de reforma, 863.735\$96; Pensões de inabilidade, 42.668\$40; Pensões a herdeiros, 151.263\$80, e subsídios únicos, 38.960\$00

Os subsídios que este Montepio concede, não podem ser penhorados nem arretados (Art. 21.º do Decreto-lei 19.281).

Indique-nos, num simples postal, a sua idade e a pensão ou legado que pretende, ou ainda quaisquer outros esclarecimentos, e, na volta do correio, prestar-lhe-emos lódas as indicações

AGENTE — Rafael Pereira Lopes.
Rua Dr. António da Mota Prego — GUIMARÃIS (3)

RIBEIRO, FILHO

(ALFAIATE)

Convida os seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos a visitarem a sua casa e a examinarem os artigos de alta novidade do sortido que recebeu para a presente estação de inverno, que tem em exposição na sua vitrine, no Largo do Conselheiro João Franco.

suas famílias, os nossos amigos, srs.: Dr. José Maria de Moura Machado, Custódio Vila-Nova Guimarães, António André Guimarães e Alcindo Ferreira Martins.

— Encontra-se entre nós, com demora de algum tempo, o nosso amigo sr. José Maria de Almeida, de Amareis.

Pela Câmara

A C. A. em suas últimas sessões deliberou: Adquirir o material para o expediente da secretaria necessária aos serviços do município por concurso público, nas condições a estabelecer; que a repartição de obras passe a designar-se Repartição Técnica Municipal; realizar as suas sessões ordinárias nos mesmos dias e horas a que se vinha realizando. O sr. Presidente comunicou á Câmara que acabava de ter conhecimento da morte do eminente orador dr. Leonardo Coimbra, propondo que se lançasse na acta um voto de pesar pelo seu falecimento, o que foi aprovado por unanimidade. Procedeu á arrematação da ocupação das barracas da praça do mercado municipal, desta cidade, e da povoação das Taipas. Procedeu também á arrematação das varreduras da cidade.

Resolveu também: Aprovar a tarifa camarária de géneros durante o ano de 1936 para vigorar no corrente ano e a tarifa ao fiel, do preço de um dia de trabalho para efeito do imposto de trabalho.

Lêde e assina o «Notícias de Guimarães»

Foot-Ball

A Associação Desport. Ovarense em GUIMARÃIS

A «lenda». Vitória consegue um bom triunfo.

Teimosamente a «lenda» vai caminhando sem que, barreira se erga a vedar caminho, à andarilha designação de «campeão de Benilhevai», com toda a entonação deprimente que a voz do povo vai classificando os negativos resultados conseguidos pelo grupo da cidade, fora do seu terreno habitual. Um caso esporádico não é base para tal, mas, a continuidade vai fazendo descer das virtudes e valor de antemão atribuído.

Sem falarmos da parte falheira do «team» — porque não assistimos ao jogo em Ovar —, atendemos antes à falta da moral forte que sempre teve, em desafios noutros meios. Enquanto os componentes do grupo não julgarem por uma só mente, de que, vale mais um triunfo alcançado num campo estranho, do que duas vitórias em Benilhevai; o Vitória, estará sempre à mercê das derrotas de qualquer; a acção dos jogadores desmerecida, o seu quilate de infimo apreço e a classe da equipe de pouca monta.

E' conhecida a «alma» à Benfica!... é admirada a alma à Belenenses!... porque não criamos também uma «alma» à Vitória!...

E' só ter vontade.

Vitória, 9. A. Desportiva Ovarense, 0

Os owarenses vieram até cá, em paga da visita do Vitória no primeiro do ano, e o resultado do jogo não lhe foi favorável pela copiosidade de tentos conseguidos pelo grupo da casa, que assim soube apagar a lembrança pouco grata da derrota lá sofrida de 4 a 1. O jogo de principio a fim pertenceu ao Vitória que, sempre ao ataque, soube impôr-se ao adversário pela sua técnica, fazendo assim uma boa partida.

A primeira parte foi a melhor do encontro e Clemente bem coadjuvado pelos interiores, marcou quatro goals seguidos, tão iguais, tão idênticos, em característica e factura, como dois pares de gêmeos que se não diferenciam.

Os visitantes responderam com um contra-ataque frouxo que a defesa alvi-negra facilmente desfazia.

A segunda parte foi mais fraca por os locais abrandarem um pouco, e os visitantes acercaram-se, por isso, mais das redes de Ricoca, sem conseguirem o ponto de honra, pelo menos em duas ocasiões propicias.

Para o final os visitantes imprimiram ao jogo uma toada violenta e alguns gestos, de lado a lado, pouco educados, aborreceram o desafio, principalmente a brutalidade dum trangularhadança da defesa da Desportiva Ovarense, mais própria para guarda de porta em casal de aldeia, do que jogador de futebol em grupo de merecimento.

A arbitragem de António Neves foi imparcial embora ouvisse por vezes reclamações de alguns assistentes, sem razão alguma.

Antes deste desafio jogaram as reservas do Vitória com a União Académica de Braga, ganhando as reservas por 3-1.

ALMEIDA FERREIRA.

SAPATARIA LUSO

Se pretende calçar o que é moda visite a

SAPATARIA LUSO

Misericórdia de Guimarães

Movimento hospitalar no mês de Novembro de 1935

Hospital Geral de Santo António

Consultas no Banco, 556.
Receitas abonadas a doentes externos, 455.
Parturientes recolhidas, 11.
Crianças nascidas, 11, sendo 7 do sexo masculino e 4 do sexo feminino.
Doentes existentes no último dia do mês de Outubro, 93.
Doentes entrados durante o mês, 109.
Doentes saídos:
Curados, 76.
Melhorados, 31.
No mesmo estado, 7.
Falecidos, 8.
Ficaram existindo no último dia do mês de Novembro, 80.
Banhos dados no balneário, 198.
Operações de grande e pequena cirurgia, 31.
Curativos feitos no Banco, 1.990.
Injeções aplicadas, 882.
Aplicações eléctricas, 306.

Hospital António Francisco Guimarães-Vizela

Consultas no Banco, 15.
Doentes existentes no último dia do mês de Outubro, 17.
Doentes entrados durante o mês, 6.
Doentes saídos:
Curados, 1.
Melhorados, 2.
Ficaram existindo no último dia do mês de Novembro, 20.
Operações de pequena cirurgia, 1.
Curativos feitos no Banco, 139.
Injeções aplicadas, 117.

SAPATARIA LUSO

Se deseja calçado, veja o que a

SAPATARIA LUSO

lhe indica como novidade

Garrafas Vasias

Compram-se na

PENSÃO COMERCIAL

Toural — Guimarães

Tipografia Minerva Vimararense

Rua de Santo António

GUIMARÃIS

Impressões em todos os géneros

CASA

Vende-se a da rua avelino Germano, n.ºs 61 a 69. Falar ao Dr. Fernando Aires, advogado nesta cidade.

CAMISAS-GRUVATAS

GRUVATAS-CAMISAS

SO NA

LOJA DAS CAMISAS

JUNTO AO CAFÉ ORIENTAL